

## Code-switching e code-mixing no uso das línguas *bantu* em Moçambique

Diocleciano João Raúl Nhatuve \*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0003-4749-1348>

### RESUMO

O contacto linguístico envolvendo as línguas *bantu* e o português criou/cria situações de bilinguismo na sociedade moçambicana. Esta situação propicia a ocorrência de fenômenos linguísticos como a alternância e a mistura de códigos no discurso em língua materna. Neste contexto, o objetivo deste trabalho é examinar, à luz dos princípios teóricos do contacto linguístico, o impacto da língua portuguesa no uso das línguas *bantu* moçambicanas. O estudo procura identificar as principais unidades ou expressões linguísticas do português introduzidas no discurso em línguas *bantu*, discutir a (in)conformidades dos produtos da alternância e mistura de códigos e as respectivas consequências no contexto particular de Moçambique. A base empírica é constituída por traduções de frases do português para a língua materna, feitas por falantes de línguas *bantu* (língua materna) e de português (língua segunda). O estudo qualitativo desencadeado neste trabalho revelou que a língua portuguesa interfere significativamente no uso das línguas *bantu*. Tal interferência se manifesta através da introdução de elementos e/ou expressões da língua portuguesa nos discursos em línguas nativas dos falantes. A análise de dados indica que elementos como conjunções, numerais, substantivos, sintagmas nominais e verbais do português são recorrentemente introduzidos nos discursos em língua *bantu*. A alternância e a mistura de códigos obedecem aos princípios da gramática da alternância e são funcionais. Embora a alternância e a mistura de códigos sejam úteis na viabilização da comunicação e revelem a capacidade de convivência entre as línguas e de criatividade dos falantes bilingues, a falta do ensino das línguas *bantu* coloca-as numa posição de instabilidade e perigo de serem substituídas pelo português. Perante esta situação, recomenda-se que seja adotada uma política linguística que favoreça o seu ensino formal em Moçambique, como forma de promover uma coexistência harmoniosa e duradoura das línguas em contacto, sem que a alternância e a mistura de códigos ameacem nenhuma das línguas.

### PALAVRAS-CHAVE

Code-switching; Code-mixing; Bilinguismo; Moçambique.

### Code-switching and code-mixing in the use of bantu languages in Mozambique

### ABSTRACT

Language contact involving the *bantu* and Portuguese languages allows/allowed the existence of bilingual speakers in Mozambican society. Bilingualism triggers linguistic phenomena such as code-switching and code-mixing when individuals speak (in *bantu* language). In this context, this paper aims to examine, in light of principles of the language contact theories, the role of the Portuguese language when Mozambicans use their mother tongues. The study seeks to identify elements or structures of the Portuguese language that are added to the speech in *bantu* languages, to discuss to what extent products of code-switching and code-mixing are in line with relevant principles of the code-switching grammar, and to scrutinize the consequences of the code-switching in particular context of Mozambique. Data consist of translations of sentences from Portuguese to speakers' mother tongues, done by speakers of *bantu* languages and Portuguese. Based on a qualitative approach, the study reveals that the Portuguese language significantly interferes in the use of *bantu* languages. Such interference comes to the surface through the

---

\* Faculdade de Ciências da Educação da Universidade Aberta/ Instituto Superior de Ciências de Educação – ISCED (Beira/Moçambique). Coordenador do Curso de Português na mesma faculdade. E-mail: [djrnhatuve@gmail.com](mailto:djrnhatuve@gmail.com)

insertion of elements and structures from the Portuguese language into the speech in local languages. The paper discloses that elements like conjunctions, numerals, nouns and noun and verbal phrases in Portuguese are frequently inserted in the speech in the *bantu* languages. The code-switching and code-mixing products, however, are functional and follow the relevant and particular principles of grammar. Although code-switching and code-mixing facilitate communication and mean capability of coexistence of languages involved and the creativity of bilingual speakers, the absence of formal and relevant education in and about the *bantu* languages disadvantages and endangers them. Therefore, the paper recommends that appropriate language policy be adopted to allow the teaching of the *bantu* languages, as a way of enabling harmonious and lasting coexistence of the languages in contact, with no danger caused by the switching or mixing of codes for any of them.

#### KEYWORDS

Code-switching; Code-mixing; Bilingualism; Mozambique.

#### Kucinca-cinca ni kupatanyisela tidimi kucithumiswa tidimi taciLandi taMosambiki

#### KATSAKANYO

Kutshangana ka tidimi taciLandi ni ciPutukezi kumaha titaku kuhumelela vathu vabwabwatako ngu tidimi timbidi mwendo kupinda m'ndani kavahanyi vaMosambiqui. Wudimimbidi wutumbulukisa kucinca-cinca niku patanyisela ka tidimi loko vathu vaci bwabwata tidimi tawe tantumbuluko. Nkongometo wa gondo yiya nguxopaxopa, nahiciwonakaliswa ngu mithetho yoyelani nikutshangana katidimi, m'tamu walidimi laciPutukezi mbimosi vathu vabwabwatako ngutidimi taciLandi taMosambiki. Gondo yiya yikongometa kuziva mapswi mwendo mitlawa yamapwi aciPutukezi mawuletiswako kawubwabwati nguciLandi, kuxola mazumbela manene mwendo ohambana yasivangwa sakucinca-cinca nikupatanyisela katidimi, nitichachazelo takona ditikoni daMosambiki. Mitlawa yamapswi yithumiswako kagondo yiya ndichamuselo tamapswi yaciPutukezi ngutidiminyana taciLandi. Tichamuselo tiya timahilwe nguvabwabwati vatidimi tantumbuluko taMosambiki ni ciPutukezi (lidimi lawumbidi). Gondo yatshimatshima yiyayingamawa yiwonekisile tito lidimi laciPutukezi lawulelela kawubwabwati nguciLandi. Kutibetabeta ka ciPutukezi kuwonakala ngumamahelo ovabwabwati vethumisa mapswi mwendo mitlawa yamapswi aciPutukezi kawubwabwati ngutidimi tawe tantumbuluko. Wuxopaxopi wuwa wungamaheka wukomba tito sipatanyiso samitlawa yamapswi, tinomboro, matina, mitlawa yotangelwa ngumatina kumweko nimitlawa yotangelwa ngumapswi-kumaha yaciPutukezi nguona matolovelako kuwuletiswa ka wubwabwati nguciLandi. Kucinca-cinca mwendo kupatanyisela ka tidimi kuwa kuwonekako kumaheka mayelano nimithetho yakona titimahako tito vathu veyengisana. Hambikuwa kucinca-cinca nikupatanyisela mapswi mwendo mitlawa yamapswi simahako kuvathu veyengisana, sिकombisa kufuyana katidimi taciLandi ni ciPutukezi niwumahi wavabwabwati vatidimi timbidi mwendo kupinda, kupwateka ka wugondisi watidimi taciLandi (ngum'talo watona) kutiveka pangoni yotidivalwa mwendo kuyeyiswa. Kamazumbelo awa, kukurumetwa tito kucivekwa mithetho yino sindzisa wugondisi niwugondi watidimi taciLandi sikolwani sotshe saMosambiki, nga mamahelo yokuseketelwa kufuyana kunene kakalakupinduka katidimi titshanganako, kusina phangu ngumhaka yakucinca-cinca mwendo kupatanyisela katidimi totshe.

#### MAPSWI ALISIMA

Kucinca-cinca; Kupatanyisela; Wudimimbidi; Mosambiki

#### Introdução

A maioria dos cidadãos moçambicanos fala as línguas *bantu* de origem nígero-congolesa, para além do português, língua herdada do ex-colonizador, com o estatuto de língua oficial, franca e da educação, e em processo de nativização. As línguas *bantu* são usadas preferencialmente para a comunicação no seio das famílias. No entanto, devido à

política linguística adotada após a independência – que marginalizava as línguas *bantu* no contexto de ensino-aprendizagem – grande parte dos cidadãos não foi escolarizada nessas línguas (CHIMBUTANE, 2022). Nesse contexto, a sobrevivência das línguas *bantu* é resultante do processo natural de aquisição – embora se conheçam as limitações que o processo aquisitivo tem (KRASHEN, 1981) – em oposição à língua portuguesa cujo desenvolvimento de competências depende, sobretudo, do processo formal de instrução.

Em 2003, introduziu-se o ensino bilingue em Moçambique. A política linguística favorável a este avanço permitiu que cerca de 19 línguas *bantu* (*cibalke, ciute, cindau, cicopi, cisena, cimanyika, cinyanja, ciyaawo, cinyungwe, xirhonga, xichangana, Echuwabo, Ekoti, Elomwe, Emakhuwa, kimwani, Gitonga, citshwa, shimakonde*) fossem usadas no contexto de educação (NHAMPOCA, 2015; PATEL, MAJUISSE, TEMBE, 2020). Moçambique optou pelo modelo transicional de ensino bilingue que consiste “num bilinguismo subtrativo, uma vez que o objetivo final é subtrair a Língua 1 (L1) do aluno/falante [...] a criança inicia a escolarização monolíngue na L1, passa para o bilinguismo L1 e Língua 2 (L2) e termina monolíngue na L2” (NHAMPOCA, 2015, p. 94). Na verdade, este modelo parece uma recriação da política linguística adotada após a independência que colocou o português em posição privilegiada e superior em relação às línguas *bantu*, na medida em que, o uso destas línguas no ensino primário, se revela como uma forma de preparação da criança para uma melhor performance na aprendizagem e uso da L2.

Aliás, em Moçambique, é comum a discussão sobre a influência, interferência ou impacto das línguas *bantu* na aprendizagem e uso do português (GONÇALVES, 2012; NHATUVE, 2018). Apesar de se reconhecer o papel das línguas *bantu* (neste caso, as línguas maternas da maioria dos aprendentes moçambicanos de português), como bases inequívocas e indispensáveis na aprendizagem de uma segunda língua (sobretudo nos estágios iniciais do processo), a discussão incide sobre o papel negativo dessas línguas nativas sobre a segunda. De facto, as línguas *bantu* têm um impacto (negativo e positivo) que, embora controlável, é inevitável.

Curiosamente, ninguém se preocupa em estudar o impacto, a interferência, ou o papel do português nas línguas *bantu*. Esta “negligência” prejudica sobremaneira o convívio entre as línguas *bantu* e o português na sociedade e os esforços para a massificação do seu ensino-aprendizagem e da sua descrição. Dado que a maioria destas línguas não é eficaz, efetiva e decisivamente ensinada e aprendida na escola moçambicana, pode parecer absurdo procurar entender a interferência negativa ou

positiva do português sobre aquelas línguas. Esta é, no entanto, uma perspetiva redutiva do conceito de interferência linguística, pois os estudos sobre o contacto linguístico não só se devem preocupar com os fenómenos emergentes no âmbito da aprendizagem, devem, igualmente, ser extensivos ao uso das línguas em contacto. Na verdade, devido à ineficácia da política linguística adotado após a independência, o impacto e a interferência do português é somente observável no uso que a maioria dos falantes faz das línguas nativas no seu dia-a-dia.

Neste contexto, o presente artigo pretende avaliar o impacto (ou a interferência) da língua portuguesa sobre algumas línguas *bantu* faladas em Moçambique, à luz das teorias de contacto linguístico. Examinar o impacto do português sobre as 9 línguas *bantu* envolvidas é crucial para promover a convivência harmoniosa entre as línguas em contacto e entre os seus falantes. Permite a consciencialização dos falantes e investigadores sobre a natureza do impacto que a língua segunda tem sobre as línguas nativas, neste contexto particular de Moçambique.

O objetivo geral exposto implica a necessidade de identificarem-se as principais áreas linguísticas em que se faz sentir a interferência do português sobre as línguas *bantu*. Ademais, é interessante, para os propósitos deste estudo, descrever os processos de combinação de expressões linguísticas do português com as das línguas *bantu*, na constituição de enunciados. Isto permitirá observar até que ponto as expressões de uma e/ou de outra língua conservam ou perdem a sua integridade, ou como ocorre a combinação de expressões linguísticas (de línguas diferentes) que enformam um determinado enunciado. Finalmente, é importante discutir as causas e implicações do uso de expressões linguística do português na fala em língua *bantu*, numa nação em que tais línguas (*bantu* e portuguesa) têm privilégios diferentes, tal como descrito em parágrafos anteriores.

Efetivamente, o estudo procura respostas para questões como: (1) Em que áreas da língua se observa a interferência do português nas línguas *bantu*? (2) Como é que se manifesta o papel ou a interferência do português nas/sobre as línguas *bantu*? (3) Quais são as possíveis consequências do contacto linguístico no uso das línguas *bantu*?

Em primeiro lugar, o estudo releva do facto de descrever como o português interfere no uso das línguas *bantu* moçambicanas e os processos linguísticos a que recorrem os falantes. Em segundo lugar, o trabalho constitui um dos primeiros ensaios sobre o impacto/a interferência do português sobre as línguas moçambicanas, podendo, por isso, despoletar o interesse de investigadores na área da linguística em estudar o

contacto linguístico envolvendo mais línguas e mais dados, o que poderá ter impacto na decisão sobre as políticas linguísticas nacionais, sobretudo, sobre as questões de ensino-aprendizagem, uso e coexistência dessas línguas *bantu* com o português. Em terceiro, o estudo tem um potencial para revelar a (im)possibilidade de processos de pidginização ou crioulização nos falares moçambicanos (em língua *bantu*).

A pesquisa ancora-se nas teorias de contacto linguístico e recorre a uma abordagem de natureza qualitativa. Envolve falantes de 9 línguas moçambicanas diferentes que comungam a mesma língua segunda, o português. O material para o estudo empírico é composto por enunciados em cada uma das línguas *bantu* (de cada falante) que resultam da tradução de 6 frases escritas, do português para as suas línguas maternas.

### 1.0 Português em contacto com outras línguas

A existência, na mesma sociedade, de indivíduos que se comunicam em línguas diferentes, ou mesmo de indivíduos bilingues, dá lugar ao contacto linguístico (MARTINS, 2008). Este fenómeno (contacto linguístico) pode resultar em situações de mudança linguística, como fruto da força que cada uma das línguas exerce sobre a outra. No entanto, essa mudança “não se confunde com [aquela] inerente a qualquer língua [...], trata-se de um processo do mesmo tipo, mas com origem diferente e conseqüências diversas” (MOTA, 2013, p. 511).

Em situação de mudança decorrente do contacto linguístico podem observar-se, em primeiro lugar, modificações da língua não nativa (LNN), através da introdução de aspetos da língua nativa (LN) dos indivíduos. Em segundo plano, observa-se que, à medida que os indivíduos se apropriam de LNN ou procuram usá-la no seu dia-a-dia, paulatinamente, incorporam os traços desta língua na sua LN. No caso de Moçambique, constitui exemplo desta situação, as interferências do português no uso das línguas *bantu* (considere-se os casos apresentados no exemplo 3). Quer num, quer noutro caso, a influência/ou interferência pode envolver aspetos lexicais e/ou gramaticais. Quando um falante de uma LN se apropria de uma LNN, ele torna-se bilingue, no entanto,

quando um bilingue fala qualquer uma das línguas que domina não as fala como os monolíngues em cada uma delas – no seu falar bilingue, há características originais cujo surgimento é favorecido pelo fato de o falante estar ou ter estado exposto a outra gramática, características essas que podem ser idiossincráticas (MOTA, 2013, p. 515).

De acordo com Mota (2013), os bilingues podem fazer o uso de cada uma das línguas de que dispõem em circunstâncias bem definidas. Os números, por exemplo, podem ser usados na língua em que foram aprendidos, enquanto a articulação de orações, será na língua cuja estrutura se revela relativamente fácil.

Algumas das consequências do contacto linguístico e do bilinguismo, que interessam para os propósitos deste estudo, são a alternância de códigos (*code-switching*) e a mistura de códigos (*code-mixing*). No primeiro caso, os indivíduos usam no mesmo discurso códigos (sistemas linguísticos) diferentes, “sem cruzar os traços de uma e de outra” (Exemplo 1) (WARDHAUGH, 2006).

**Exemplo 1:**

- a. Miya ngikhala,, [23 amigos] (PT - Eu tenho 23 amigos)
- b. Ine ndisaziwa,, [ligar computador] (PT – Eu sei usar o computador)

A alternância pode ser intra-frásica, quando ocorre a alternância de constituintes no interior da mesma frase (Exemplo 1 a.), ou inter-frásica, quando, num enunciado, se alternam duas ou mais frases/orações (Exemplo 1 b). Quer num, quer noutra caso, as expressões alternadas (combinadas) são gramaticais e inteligíveis quando isoladas. No entanto, a colocação dessas expressões é “determinada pela gramática da língua recipiente” (MOTA, 2013, p. 522).

No segundo caso (*code-mixing*), ocorre o cruzamento de traços ou de aspetos gramaticais das línguas em contacto dentro da mesma unidade linguística, dando origem a elementos mistos (híbridos) como em *deletar*. Os elementos mistos revelam a convergência de traços das duas línguas em contato. A literatura nesta área considera a mistura de códigos como sendo resultado de aprendizagem “incipiente, de apropriação parcial dos traços da [LNN], os quais co-ocorrem com traços da [LN], visto não haver separação dos sistemas” (id.).

Uma outra consequência do contacto linguístico intimamente ligada aos fenômenos de alternância e mistura de códigos é o surgimento de novos sistemas linguísticos. Falando acerca do surgimento de novas línguas como resultado de contacto linguístico, importa, para este estudo, perceber o pidgin e o crioulo (o que são? quais as suas características? e como surgem?). Esta abordagem possibilitará a discussão, a compreensão e o enquadramento dos fenômenos linguísticos relacionados com o contacto linguístico envolvendo as línguas *bantu* e o Português em Moçambique.

O pidgin representa um certo tipo de aprendizagem da LNN, não tem falantes nativos, mas é um sistema simples ou complexo aceitável e usado para a comunicação (BAXTER, 1996; WARDHAUGH, 2006). De acordo com Mota (1996), os aspetos sociais e os propósitos de permitir a comunicação são aspetos incontornáveis na caracterização dos pidgins. O surgimento do pidgin não está relacionado com o contacto linguístico em que uma das línguas goza de uma certa supremacia estatutária. Na origem de um pidgin, os falantes das línguas em contacto, em conjunto, usam o material linguístico à sua disposição para salvaguardar interesses comunicativos do grupo, embora com uma gramática limitada, o que resulta na simplificação ou redução de expressões linguísticas (WARDHAUGH, 2006, 78).

Enquanto o pidgin se projeta como língua segunda, o crioulo constitui uma língua primeira, uma LN, com capacidade de satisfazer todas as necessidades comunicativas dos seus falantes nativos. A literatura nesta área atesta que os crioulos representam estágios mais avançados dos pidgins (SEGURA, 2013, p. 76; WARDHAUGH, 2006, p. 63), aliás, o crioulo pode resultar de um pidgin inicial, estabilizado ou mesmo expandido (MOTA, 2013, p. 526), com a expansão do léxico e o enriquecimento de estruturas gramaticais.



## 2. Metodologia

O estudo recorre a uma abordagem qualitativa. Com esta abordagem, nesta fase inicial de estudos sobre a alternância e ou mistura de códigos como resultado de contacto linguístico entre as línguas *bantu* moçambicanas e o português, é possível avançar hipóteses relativamente ao papel/impacto do português no uso das línguas *bantu*. Tais hipóteses merecerão tratamento crítico de investigadores para a sua validação através de trabalhos de natureza quantitativa.

O estudo envolveu 10 cidadãos falantes de línguas *bantu* moçambicanas diferentes. Estes informantes foram selecionados através da técnica de amostragem aleatória simples. Todos têm acima dos 18 anos de idade e, em termos de escolaridades, têm no mínimo um nível de licenciatura. São cidadãos de ambos os sexos que trabalham na área de educação, como instrutores (tutores). Tal como a maioria dos cidadãos moçambicanos, os nossos inquiridos são no mínimo bilingues. Falam as línguas *bantu* (preferencialmente no setor sociofamiliar) e o português. O uso de cada uma das línguas depende de várias circunstâncias, dentre as quais, o interlocutor e o contexto da comunicação.

A recolha de dados foi feita através de um pequeno inquérito em que se solicitava a tradução de 6 frases escritas em português para a língua materna de cada inquirido. Os participantes tinham a opção de fazer a tradução por escrito ou gravar o áudio do seu discurso de tradução. Entretanto, três informantes preferiram gravar áudios, enquanto os restantes preferiam escrever as suas traduções, apesar das dificuldades que cada um tem na escrita em língua *bantu*, fruto de estas línguas não terem sido objeto de ensino-aprendizagem na escola moçambicana, durante muitos anos após a independência.

Em seguida, para a constituição da base empírica, cerca de 18 traduções em formato áudio foram transcritas (com a ajuda de alguns falantes das línguas em causa) e compiladas com outras 50 escritas pelos inquiridos, para efeitos de análise – nem todos traduziram todas as frases propostas; ademais, na amostra 1 falante falava 2 línguas *bantu*, 2 falavam sena, e outros 2, changana, razão pela qual se tem mais de 60 traduções. Saliente-se, no entanto, que a maioria das línguas, senão a totalidade, não tem sistemas de ortografia estabelecidos e oficialmente reconhecidos (estáveis). Mesmo assim, foi possível identificarem-se segmentos das línguas envolvidas no discurso de cada informante. Na transcrição, os segmentos referentes à língua *bantu* recipiente estão grafados em cor preta (fonte normal), enquanto os referentes à língua portuguesa estão em azul. O sinal “,” indica onde começa a inserção de expressões em língua portuguesa no discurso em língua *bantu*.

A análise e interpretação de dados compreende três aspetos. Numa primeira fase, os dados são apresentados e discutidos tendo em consideração a natureza (classe de palavras ou sintagmáticas e funções sintáticas) dos elementos incorporados no discurso em língua *bantu* (recipiente). Em segundo plano, a análise procura descrever o processo de alternância e/ou mistura de códigos, processo que permitirá tirar ilações sobre a sua (in)conformidade com os princípios que regem os processos de *code-switching* e *code-mixing*, como descrito na revisão da literatura. Finalmente, no terceiro momento da análise, o estudo discute as implicações linguísticas e sociais associados aos fenômenos de contacto linguístico, alternância e mistura de códigos, tendo em consideração a situação particular das línguas *bantu* e o português em Moçambique.

No diz que respeito aos aspetos éticos, os informantes foram informados sobre os fins da recolha de dados. Foram igualmente consciencializados sobre a sua liberdade para participar ou não do processo, sem nenhuma implicação na sua individualidade ou vida social e profissional. Nos dados analisados, observou-se todo o sigilo para que nenhuma informação sobre os informantes, exceto as traduções, fosse revelada ou



tornada pública. Ademais, os dados recolhidos foram simplesmente usados para efeitos deste estudo, tal como declarado aos inquiridos.

## 2.1. Estudo empírico

Nesta secção apresentam-se os dados referentes às traduções feitas pelos inquiridos e transcritos para a análise. Os dados, fielmente transcritos, são traduções das seguintes frases do português (consideradas em função dos elementos que contêm: conjunções, numerais, nomes e expressões das áreas das tecnologias de informação e comunicação...) para as línguas *bantu* dos inquiridos:

### Exemplo 2: (frases em português, traduzidas para as línguas *bantu*)

- a. Eu vou ao serviço, mas estou doente.
- b. Eu tenho 23 amigos.
- c. Eu vou dormir porque não há internet.
- d. Para falar inglês é preciso muito sacrifício.
- e. Eu durmo no meu quarto.
- f. Eu sei usar um computador.



## 2.2. Apresentação e análise de dados

Os dados referentes às traduções feitas pelos nossos inquiridos e que servem de base empírica para estudar os fenômenos de alternância e/ou mistura de códigos por falantes das línguas *bantu* moçambicanas, como fruto do contato linguístico entre estas línguas e o português, são cerca de 70 frases apresentadas na sua totalidade no exemplo 3 abaixo.

### Exemplos 3: (exemplos de alternância e/ou mistura de códigos)

#### Manyawa

- a. ?[Olelo ngifuna ngizowe omabasa,, [maji] miyo khagerepama].
- b. ?Miyo ngikhala ,, [23 amigos].
- c. ?Miyo ngifuna guzowe ogona,, [porque] kaginaa Interneti]
- d. ?„[Para] gigole ,, [ingleji] khaeva basa nowo
- e. ?Miyo ndinogona kuma,, [quarto] aga.
- f. ?Miyo ngifuna gi[,, usar computadori]

#### Sena

- g. ? [Ine ndienda kubasa, ndirikudwala]
- h. ?Ine ndirikugona,, [porque] ngabe Internete
- i. ?Ine ndisaziwa,, [ligar computadori]
- j. ?Ine ndisagona mu,, [quarto] mwanga
- k. ?„ [Para] longa Ingleji munafuna maningi [sacrifício]
- l. ?Ine ndina,, [23] ashamwari
- m. ?Ine ndisaziwa phata basa na,, [computadori]

### Changana

- n. ?Mina niyan ntirweni kambe navabwa
- o. ?Avanganu vamina imatshumi mambiri ni vanharu
- p. ?Mina niya kuyetleni hikusa kuhava,, [Interneti]
- q. ?Akukhuluma xingiza kulaveka,, a,, [sacrifício].
- r. ?Niyetlela,, quarto lamina
- s. ?Mina nasvitiva akutirisa a,,[computadori]

### Changana

- t. ?Minha ndziya antirweni,, [maji] navabvwa.
- u. ?Mina ndzini,, [23] wavanganu.
- v. ?Mina ndzoyayetlela,, [porque] akuna [interneti].
- w. ?,, [Para] wukhuluma xingiza kulaveka a[sacrifício].
- x. ?Mina ndziyetlela a,,quarto kamina
- y. ?Mina nasvikota kutirhisa a,, [computadori].

### Cicopi

- z. ?Ani niya m'thumoni,, [maji] nalwala.
- aa. ?Ani nini,, [23] wavangana.
- bb. ?Ani noyawotela,, [porque] (nguku) kuna ,,Interneti
- cc. ?,, [Para] kuwombomba ingeleji kulaveka sacrificio.
- dd. ?Ani niwotela,, [quarto] kamina.
- ee. ?Ani nasikota kuthumisa ,, [computadori]

### Nyandja

- ff. ?Ine ndikagwila chito, nampha ndito dwala.
- gg. ?I'ne ndili ndi ,, [23] abwendjyi.
- hh. ?I'ne ndito ghona ndandee/pokuti kulibe ,, [interneti].
- ii. ?Pokamba chinyandja imafunika kulaga.
- jj. ?I'ne ndimagona kuchumba kwanga.
- kk. ?Ine ndimadijiwa kutumila ,, [computador].

### Citewe

- ll. ?Ndiri cuenda kubassa ndetsirwara.
- mm. ?Ndine magumi maviri ne matato achamwari.
- nn. ?Ndiri cuawala nocutama ,, [internet].
- oo. ?Wevodla cusuya chingres zvinopassa bassa.
- pp. ?Inini ndinowata mu ,, [quarto] mango.
- qq. ?Ndino cuanissa cusenzessa,, [computador]

### Sena

- rr. ?Ine ndinenda ca phata bassa, ,, [mas] diri cu duala.
- ss. ?Ine ndine ,, [23] ashawwari
- tt. ?Ndiri cu gona thangue ngabe ,, [internet].
- uu. ?,, [Para] longa kulonga c,,[ingles] sa funika pirira.
- vv. ?Ine ndisa gona n,,[quarto] mwanga.
- ww. ?Ine ndisa dziwa phata na,, [computador]

### Ndau

- xx. ?Ndinopinda kubassa, ,, [mas] ndirikuwhala.
- yy. ?Ndinamagumi namatatu ashawwari.
- zz. ?Ndiri kuwata ngodawa apana ,, [internet].
- aaa. ?,, [Para] kuwerekela chingres zvinoda basa.
- bbb. ?Ini ndinowata mu,,[quarto] mwango.
- ccc. ?Inini ndinovidja kutekenya ,, [computadori]

### **Makuwa**

- ddd. ?Miva kinrovara motheko massi kiniweriua.  
eee. ?Miva kigana miloko pili i tharo axiphathani.  
fff. ?Kinoropha muahan inkano ,, [internet].  
ggg. ?Oni,, [precisar] ohawa pra olavula,, [ingles].  
hhh. ?Mi kinrupha okuaro waka  
iii. ?Miva kinimusuela ,, [computador]

### **Nyungue**

- jjj. ?Ndienda Kuphata basa, ndipo ndikudwala.  
kkk. ?Ndina achamwari wakukwana makhumi ma wili na atatu.  
lll. ?Ine ndikugona thambwe ndilibe bwandzi  
mmm. ?Kuti ulewalewla cimgelezy dzibfuna mpanvzu.  
nnn. ?Ine ndimba gona um cipinda mwangu  
ooo. ?Ine ndimba dziwa kuphata basa na ntchini wandzeru.

A primeira constatação que se faz quando se observam os exemplos em 3 é a de que a língua portuguesa (LNN dos nossos inquiridos) interfere no uso das línguas *bantu* (LN dos nossos inquiridos). Assim, ficam esclarecidas as dúvidas sobre a interferência da língua portuguesa no uso das línguas *bantu*. Da mesma forma, parece inoportuno estudar os fenômenos de contacto linguístico em Moçambique considerando apenas a perspectiva de as LN dos moçambicanos influenciarem a aprendizagem do Português. É justo que os estudos sejam conduzidos igualmente na perspectiva de se compreender o impacto da LNN no uso das LN.

No que diz respeito à natureza (classe de palavras ou sintagmáticas e funções sintáticas) dos elementos incorporados no discurso em língua *bantu* (recipiente), a observação da base empírica revela que as expressões envolvidas integram cinco grupos, nomeadamente: (1) As conjunções ou conectores; (2) Os numerais; (3) Os substantivos (na sua maioria ligados à área das tecnologias); (4) Os sintagmas nominais; (5) Os sintagmas verbais

As conjunções (e/ou conectores) são palavras invariáveis usadas na sintaxe para articular ideias (expressas oralmente ou por escrito). Esta articulação pode ser intrafrásica ou interfrásica (podendo envolver, neste caso, trechos extensos como parágrafos). Das frases originais (as que deviam ser traduzidas para a língua *bantu*), havia três com as conjunções *mas*, *porque* e *para* (Exemplos 2 a., c. e d.). Entretanto, as versões traduzidas destas frases do português para as línguas *bantu* revelam o recurso àquelas conjunções do português no uso da língua *bantu*. Isto é, os falantes introduzem, no discurso em sua LN, as conjunções/conectores próprias da LNN (o português) (Exemplos 3: a., c., e., i., l., u., w., x., aa., cc., dd.).

A literatura sobre a alternância e/ou mistura de códigos adverte que os falantes obedecem a certos critérios, alguns dos quais, pessoais, para introduzirem elementos de uma língua no discurso em outra língua (WARDHAUGH, 2006; MOTA, 2013). Neste contexto, parece que o uso dos conectores do português nas LN dos nossos inquiridos está relacionado com o facto de a articulação de ideias exigir um conhecimento profundo da língua, editado por um *input* explícito, adquirido com a aprendizagem (cf. KRASHEN, 1976; 1981). Nesta ótica, o uso de conectores do português, justifica-se, muito provavelmente, como forma de contornar as limitações que os indivíduos têm para usar conectores de uma língua sobre a qual, depois do processo aquisitivo, para além de assistirem à sua subalternização face ao português, não tiveram a oportunidade de enriquecer o conhecimento implícito com um *input* explícito, em contextos formais de educação.

Relativamente aos numerais, uma das classes de palavras cujos domínio e uso dependem sobremaneira da escolarização, os dados revelam a interferência clara do português no uso das LN do grupo alvo. Entretanto, tal como se tem revelado neste estudo, as LN, na sua maioria, não foram (durante muito tempo) objeto de ensino e de aprendizagem e, atualmente, a educação bilingue adotada é deficitária (e beneficia apenas crianças da escola primária (NHAMPOCA, 2015)). Consequentemente, os falantes das línguas *bantu* (na faixa etária dos nossos informantes) não dominam os respetivos sistemas numéricos. Efetivamente, eles recorrem à nomenclatura dos números do português no uso das suas LN. Os dados originais apresentam um enunciado com o número 23 (Exemplos 2 b.). Na tradução deste enunciado, os informantes preferiram usar, no seu discurso em LN, o numeral 23 do português, como se observa nos exemplos 3 c., m., v., e bb..

A alternância e/ou mistura de códigos para a expressão dos numerais são recorrentes nos casos de bilinguismo, sobretudo quando este envolve línguas das quais apenas uma é objeto de ensino-aprendizagem formal, tal como aconteceu em Moçambique após a independência. A ocorrência deste fenómeno de alternância legitima a opinião de que no discurso de um bilingue “as operações algébricas [são] preferencialmente realizadas na língua em que foram aprendidas, utilizada na escola” (MOTA, 2013, p. 515).

Já no que concerne aos substantivos e aos sintagmas nominais, foram apresentados, nas frases originais, sete substantivos (serviço, amigos, internet, sacrifício, inglês, quarto e computador). Paralelamente, foram usados sete sintagmas nominais

cujas estruturas têm como núcleos substantivos - não são considerados sintagmas representados por pronomes – (o serviço; 23 amigos; internet; inglês; muito sacrifício; o meu quarto; um computador) (Exemplos 2). As respetivas versões em LN revelam, de uma forma geral, que quer nomes do uso comum (como serviço, amigos, computador, quarto, sacrifício), quer substantivos específicos – termos - (como internet, inglês) são alternados com expressões das LN no discurso nestas línguas. A introdução destas expressões da LNN nas línguas *bantu* recipientes ocorre em paralelo com a introdução de sintagmas nominais do português nas LN (Exemplos 3).

A inserção de nomes do português no discurso em língua *bantu* obedece a dois processos linguística e cientificamente atestados. O primeiro processo, o mais frequente nos dados em estudo, é o de atribuição de traços próprios das LN às expressões portuguesas (cf. MOTA, 2013). Neste contexto, observa-se a introdução de uma vogal final em nomes que terminam por consoante, como em *computadori; interneti/e* (d., i., j., n., q., t., z., cc., ff.). Esta é uma estratégia já revelada por Gonçalves (2013, p. 157-178) e que pode ser vista, nos dizeres de Firmino (2002; 2008; 2015), como sendo uma estratégia de conferir às expressões portuguesas os traços de moçambicanidade (nativização do português). O segundo processo consiste na introdução de expressões (substantivos) do português, às quais não se opera nenhuma alteração (empréstimos puros), como em *3 c., f., k., r., s., y., ee.*

A mistura de códigos envolvendo morfemas de línguas diferentes por um falante bilingue resulta, na maioria dos casos, do fraco domínio das línguas em contacto (“bilinguismo incipiente”) (Mota, 1996, p. 523). De fato, a literatura sobre a aprendizagem do português pelos moçambicanos revela o carácter deficitário dos respetivos processos e as consequências resultantes desses processos (cf. NHATURVE, 2022; NHATURVE; MACHAVA, 2021, por exemplo). Associado a isto, as línguas com que entra em contato o português, as LN dos inquiridos, não foram/são ensinadas com eficiência e, consequentemente, os falantes apenas exibem uma competência pragmática excelente na oralidade, mas com limitada ou nenhuma literacia nessas línguas (letramento em LN). As dificuldades para encontrar e usar os substantivos de uso comum em LN, por exemplo, parecem revelar claramente o futuro de incertezas no uso dessas línguas, e as consequências da falta do seu ensino na escola.

Finalmente, embora não frequente, observa-se, em discurso em LN, também o uso de verbos e sintagmas verbais do português ou híbridos (como em *3 g., j., r., t., z., ff.*). No entanto, observa-se o uso das formas verbais (núcleos dos sintagmas verbais) em

conformidade com as respetivas línguas, ou seja, não se observam casos de formas verbais híbridas envolvendo morfemas do português e das línguas *bantu*. A argumentação feita sobre o uso dos conectores, dos numerais, dos substantivos e sintagmas nominais são aplicáveis para o caso da alternância ou mistura de códigos envolvendo expressões verbais.

### 3. Descrição do processo de alternância observados

Os dados observados, resultantes da alternância e/ou mistura de códigos das LN e da LNN (as línguas *bantu* e o português), não podem ser julgados errados/agramaticais. A sua gramaticalidade é legitimada por especificidades próprias da gramática da alternância de que dispõem os bilingues. As estruturas combinadas são gramaticais e/ou funcionais nas respetivas línguas, isto, o trecho da LN recipiente é gramatical nessa língua particular, o mesmo acontecendo com os trechos ou expressões da LNN. Ademais, o constituinte do português hospeda-se numa posição estratégica prevista na matriz gramatical da língua principal do discurso, neste caso as línguas *bantu* (hospedeiras/recipientes). Aliás, mesmo se se substituísse o constituinte da LNN pelo equivalente da LNN, esse elemento ocuparia a mesma posição.

A situação descrita no parágrafo anterior decorre do facto de ser de facto a língua recipiente, que determina a natureza e colocação dos elementos da língua hóspede. Isto atesta-se ainda pela agramaticalidade de estruturas em que os elementos da LNN se colocam numa posição não prevista na gramática da língua recipiente, como em *\*ani quarto niwotela kamina* (*\*eu quarto durmo no meu*). Isto tudo está em consonância com o princípio de que “a estrutura interna do constituinte é determinada pela gramática de uma das línguas, mas a sua colocação na frase é determinada pela gramática da língua recipiente” (MOTA, 2013, p. 522).

Como consequência da obediência à estrutura gramatical da língua recipiente, os elementos da língua portuguesa incorporados no discurso em língua *bantu* desempenham as mesmas funções que os elementos equivalentes da língua recipiente desempenhariam se fossem preferidos. No caso particular deste estudo, tais funções sintáticas coincidem nas duas línguas (Exemplos 2 e 3).

De acordo com Poplack (1984, p. 193), um dos princípios da gramática da alternância é o “requisito de morfema dependente” que bloqueia a ocorrência da alternância de um morfema dependente com uma forma lexical, sem a adaptação da primeira na língua da forma lexical. Entretanto, nos dados apresentados no exemplo 3

não se deteta nenhum caso que ponha em causa este princípio. O segundo princípio é o de “requisito da equivalência”, segundo o qual “a ordem dos constituintes [à esquerda e à direita] ao ponto de alternância [...] tem de ser gramatical nas duas línguas”. Entretanto, todos os exemplos 3 apresentados, com exceção de 3 d., h., o. e p. (que apresentam algumas anomalias ou em que não se regista alternância e/ou mistura de códigos), obedecem a este princípio.

Portanto, em termos de processamento da alternância e/ou mistura de códigos, a base empírica revela a obediência aos princípios teóricos descritos na literatura sobre a gramática da alternância e mistura de códigos.

#### **4. Implicações linguísticas e sociais associadas aos fenómenos de contacto linguístico, alternância e mistura de códigos**

As implicações do contacto linguístico e da conseqüente ocorrência do fenómeno de alternância e/ou mistura de códigos no discurso em língua *bantu* dos falantes moçambicanos podem ser vistas e analisadas sob o ponto de vista de dois prismas. O primeiro é o que incide sobre os aspetos positivos da coexistência das LN do grupo alvo com o português. O segundo é, naturalmente, o que destaca e analisa os seus aspetos negativos.

O primeiro aspeto positivo associado ao contacto entre as línguas *bantu* e o português e aos fenómenos de alternância e/ou mistura de códigos tem que ver com o fato de tal possibilidade atestar o carácter dinâmico das línguas envolvidas. Atesta a receptividade e hospitalidade das línguas *bantu* em relação ao português, por um lado, e a capacidade de adaptação do português, por outro. Aliás, a viabilização da comunicação, com recurso à alternância dos códigos das LN do grupo alvo e do português é um aspeto pertinente, se se considerarem as limitações dos falantes no uso das LN (GONÇALVES, 2012), fruto da falta de escolarização relevante nessas línguas.

Em segundo plano, a capacidade de uso de dois códigos diferentes, sem provocar distúrbios na comunicação, representa e enriquece a criatividade dos falantes bilingues no uso das línguas à sua disposição. Esta capacidade é tão relevante quanto a de poder se expressar com recurso a mais do que uma língua. A alternância e/ou a mistura de códigos podem facilitar a comunicação entre falantes bilingues (das mesmas línguas) e minimizar as dificuldades de comunicação entre falantes que só são proficientes em uma das línguas em contacto.

No entanto, no contexto moçambicano, o perigo associado à ocorrência de alternância e/ou mistura de códigos no uso das LN está ligado à possibilidade de morte, desaparecimento ou guetificação (discriminação, marginalização) das línguas *bantu*, como consequência da supremacia de que goza o português. Esta possibilidade torna-se iminente por causa da já reportada ineficiência da instrução em e sobre as línguas *bantu*, desde a independência até à atualidade (recorde-se que o modelo transicional de ensino bilingue adotado a partir de 2003 permite a escolarização em língua *bantu* apenas no ensino primário. Terminado este nível, a instrução é somente em/de português e de línguas estrangeiras (NHAMPOCA, 2015). Certamente, a língua portuguesa, que é objeto de ensino em todos os níveis, tornar-se-á, paulatinamente, a língua de preferência em muitos contextos de comunicação.

O contacto linguístico, dependendo de várias circunstâncias, pode resultar em vários fenômenos: mudança, glotofagia, diglossias, pidginização e criouliização. A mudança é um fenômeno inerente às línguas vivas e, no caso de Moçambique, quer as línguas *bantu* quer o português mudam. No entanto, este processo deve consistir no enriquecimento das línguas, oferecendo mais opções de uso aos falantes, sem, portanto, colocar em perigo nenhuma das línguas em contacto (convivência harmoniosa e duradoura) – a alternância e a mistura cabem dentro da mudança, e como já o dissemos, têm vantagens para o falante bilingue.

É verdade que em contextos multilingues não se podem evitar situações de existências de uma língua ou de uma variante que ganhe mais prestígio em relação às outras línguas ou variantes faladas na sociedade, e/ou de casos de diglossias (FISHMAN, 1967; FERGUSON, 1959; LINDONDE, 2021). Em Moçambique, registram-se casos de diglossias, considerando as duas perspetivas propostas por Ferguson e Fishman. A perspetiva de Ferguson (1957) considera a diglossia envolvendo o uso de variantes diferentes da mesma língua, em que cada uma se especializa em termos das suas características e funções.

Esta situação se registra na língua portuguesa em que temos a variante culta, resultante da instrução formal, usada em contextos formais, com a observâncias de regras gramaticais, muito próxima ao português europeu, a mais prestigiadas, e a variante menos culta, associada aos usos informais, em contexto sociofamiliar e menos comprometida com o padrão europeu (cf. LINDONDE, 2021). Por seu turno, registra-se a situação de diglossia na perspetiva de Fishman (1967), considerando a coexistência das línguas *bantu* e do português, em que esta última língua ganha mais prestígio em relação



às línguas moçambicanas com as quais convive. A variante culta do português torna-se a de uso oficial (cf. CHIMBUTANE, 2022), enquanto as línguas *bantu* são reservadas para a comunicação nas famílias.

Se a diglossia, particularmente em Moçambique, é inevitável, “a glotofagia não é inevitável” (Correia, 2020). O nosso posicionamento é que, o contacto linguístico em Moçambique não deve propiciar a glotofagia (das línguas *bantu* e minoritárias). Uma das formas para evitar situações de glotofagia é apostar no ensino e empoderamento das línguas *bantu* (não necessariamente para competir com o português, mas sim como forma de preservar a sua integridade e o seu valor social e cultural). A questão de glotofagia, embora não ignorada, é minimizada pelo fato de as línguas *bantu* serem as línguas maternas da maioria dos falantes. No entanto, de uma forma geral, quando se menciona a percentagem de falantes de línguas *bantu*, assume-se que, pelo facto de estas serem as suas L1, todos têm uma competência/proficiência plena e idêntica nestas línguas, o que está longe de corresponder à realidade linguística moçambicana. (Gonçalves, 2012, p.5).

A discussão sobre este assunto é deveras importante no contexto moçambicano. Enquanto alguns autores consideram menos prováveis os casos de glotofagia pelo fato de as línguas *bantu* serem línguas maternas, de uso preferencial nas famílias, existem estudos que demonstram que, em Moçambique, é cada vez mais crescente o número de moçambicanos que têm como língua materna o português (CHIMBUTANE, 2022). De acordo com Chimbutane,

entre 1980 e 2017, a proporção de falantes de línguas bantu como L1 reduziu em cerca de 19.6 pontos percentuais. Em contraste, neste mesmo período, a proporção de falantes de Português como L1 cresceu em cerca de 15.3 pontos percentuais [...] Estas tendências [...] podem indicar o início de um processo de mudança de língua (language shift), das línguas *bantu* para a língua portuguesa (GONÇALVES, 2017), o que pode levar a uma perda gradual das línguas de herança e culturas associadas (CHIMBUTANE, 2022).

Quer Gonçalves (2012) quer Chimbutane (2022) consideram a falta de “competências/proficiência plena” em línguas *bantu* e o seu ensino deficitário como sendo nocivos à sobrevivência destas línguas em contacto com o português. Neste contexto, não se pode resistir à mudança, nem à diglossia, nem a fenômenos de alternância e mistura de códigos, nem ao uso de empréstimos e neologismos, seja em línguas *bantu*, seja em português (NHATUVE, 2022), mas não se querem casos de glotofagia em Moçambique, pelo facto de estes poderem ser evitados, sendo algumas das estratégias a priorizar, o ensino e a valorização de todas as línguas em contacto.

Outro fenômeno resultante do contacto linguístico (associado aos fenômenos de alternância e/ou mistura de códigos) é o surgimento de pidgins e crioulos (MOTA, 1996,

SEGURA, 2013). No entanto, no caso de Moçambique, as possibilidades de pidginização e crioulização são remotas, pelo facto de não estarem criadas as condições básicas para tais fenômenos. O contacto linguístico não ocorre em paralelo com o encontro de dois povos falantes de línguas diferentes. O mesmo povo (moçambicano) é falante das LN e do português (situação de bilinguismo). Nestas condições, mais do que a pidginização, o mais provável de acontecer é a suplantação das LN pela LNN que é objeto de ensino e veicula a ciência e a tecnologia, facilitando, sobremaneira, a integração dos moçambicanos na vila global. Na verdade, apenas o tempo e as políticas linguísticas que forem adotadas no país irão ditar o futuro das línguas *bantu* moçambicanas a curto, médio e longo prazos.

### **Considerações finais**

Neste trabalho intentou-se perلustrar a interferência da língua portuguesa no uso das línguas *bantu* por falantes moçambicanos. Para este propósito, o estudo incidiu sobre os fenômenos de alternância e/ou mistura de códigos no discurso em língua *bantu*. Norteados por princípios teóricos do contacto linguístico e baseado numa abordagem qualitativa, o estudo teve como base empírica as traduções do português para as línguas *bantu*, feitas por falantes bilingues moçambicanos (de LN e de português).

A literatura arrolada neste trabalho sublinha a inevitabilidade do contacto linguístico sempre que falantes (povos) de línguas diferentes convivem no mesmo contexto. Uma das consequências associadas ao contacto é o surgimento de comunidades bilingues. Por seu turno, o bilinguismo propicia a ocorrência de fenômenos de alternância e/ou mistura de códigos. Estes fenômenos não ocorrem de forma aleatórias, obedecem a uma certa lógica gramatical particular dos falantes bilingues. Aliás, os produtos da alternância não podem ser simplesmente considerados agramaticais, pois obedecem à gramática da alternância e são funcionais.

Neste contexto, o estudo revela que a língua portuguesa, como consequência previsível do contacto, interfere no uso das línguas maternas dos falantes moçambicanos. O impacto desta LNN sobre as LN manifesta-se, pois, através dos fenômenos de alternância e/ou mistura de códigos no uso das LN. No caso do grupo alvo, observa-se que o processamento da alternância e da mistura obedece a todos os princípios da gramática da alternância. Neste processo, são envolvidos, recorrentemente, os numerais, as conjunções ou conectores, os substantivos (na sua maioria ligados à área das

tecnologias), os sintagmas nominais e verbais do português que se combinam, no mesmo discurso, com as estruturas linguísticas das línguas *bantu* (recipientes).

O grupo alvo é falante de línguas *bantu* e de Português. No entanto, as primeiras línguas, na sua maioria não foram/são objeto de ensino formal eficaz. A competência dos falantes envolvidos neste estudo limita-se ao conhecimento desenvolvido no âmbito da aquisição. Em contrapartida, a língua portuguesa é objeto de ensino-aprendizagem na escola moçambicana e funciona como a única língua oficial. Esta situação desfavorece as LN. Aliás, a literatura sobre a alternância atesta que os falantes bilingues tendem a usar preferencialmente expressões da língua aprendida na escola, sempre que têm limitações no uso da língua materna. Isto obriga a fazer uma reflexão sobre o futuro das LN, num contexto em que elas não são satisfatoriamente ensinadas, são preferencialmente usadas pela camada de falantes mais adultos e, quando a camada dos falantes mais jovens e as crianças usam as línguas autóctones, introduzem estruturas do português. A grande preocupação, neste contexto, é sobre o que acontecerá com as LN quando desaparecer a geração mais adulta que ainda usa com alguma lealdade as LN, muito provavelmente por não ter tido a escolarização, nem em português, nem na LN.

A alternância de códigos revela a capacidade de convivência entre as línguas e a criatividade dos falantes bilingues. No entanto, em contextos como o moçambicano, em que as LN não podem veicular com eficácia a tecnologia e a ciência, é previsível a suplantação paulatina das línguas autóctones pelo português, língua de escolarização, veículo da ciência e da tecnologia, e de uso estratégico para a integração de moçambicanos na vila global.

Portanto, a alternância e a mistura de códigos são fenômenos normais em contextos de falantes bilingues. Entretanto, os moçambicanos devem permitir que a convivência entre as LN e o português seja sustentável e equitativa. Para que isto seja possível, é urgente que as LN sejam ensinadas formalmente, com base numa política linguística que favoreça o seu empoderamento. A alternância bem como a mistura de códigos devem ocorrer por opção dos falantes bilingues e não como resultado de limitações no uso da LN.

Para terminar, importa sublinhar que os dados (recolhidos em 2023 em informantes falantes das 9 línguas envolvidas) e os resultados apresentados e discutidos neste trabalho não permitem uma visão holística sobre a situação do bilinguismo, da alternância e da mistura de códigos que se registra em Moçambique (especialmente quando o código principal do discurso é uma LN). O estudo simplesmente se debruça sobre algumas linhas

possíveis de análise da situação de contacto linguístico, bilinguismo, alternância e mistura de códigos em Moçambique. Naturalmente, há ainda muito que se refletir e discutir sobre esta temática, sobretudo no âmbito da política linguística moçambicana.

Há que se investir na investigação para saber quais as línguas em que a alternância e a mistura atingem níveis que merecem atenção, para perceber os respetivos condicionalismos e as possíveis consequências, e para entender esses fenómenos e outros associados ao contacto linguístico sob o ponto de vista quantitativo. O conhecimento profundo destes aspetos vai permitir a tomada de medidas que minimizem o impacto adverso do contacto linguístico e promover a coexistência das línguas bantu com o português, num contexto em que a mudança, a diglossia, o uso de empréstimos, bem como a alternância e a mistura de códigos não ameacem nenhuma das línguas.

## Referência

- BAXTER, A. Línguas pidgin e crioulas. In Faria et al. (Org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, p.535-549.
- FIRMINO, G. Diversidade linguística e desenvolvimento nacional: questões sobre política linguística em Moçambique. *Rev. Cient. UEM: Sér. ciênc. soc.* Maputo, v. 1, n. 1, 2015, p. 118-129.
- FIRMINO, G. Aspetos da nacionalização do português de Moçambique. *Veredas 9*, Porto Alegre: Associação Internacional de Lusitanistas, p. 2008, 115-135.
- FIRMINO, G. *A questão linguística na África pós-Colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia, 2002.
- GONÇALVES, P. O Português em África. In Raposo et al. (org.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013, 157-178.
- KRASHEN, S. D. Formal and informal linguistic environments in language acquisition and language learning. *TESOL Quarterly*, v. 10, n. 2, 1976, p. 157-168.
- KRASHEN, S. *Second language acquisition and second language learning*. New York: Pergamon Press, 1981.
- MARTINS, C. *Línguas em contacto*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- MOTA, M. A. C. Línguas em contacto. In Faria et al. (org.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996, p. 505-533.
- NHATUVE, D. Passivas analíticas escritas por falantes do português de Moçambique. *Revista Investigações*, Recife, v. 35, n. 2, 2022, p. 1–34.

- NHATUVE, D.; MACHAVA, A. Coesão textual em português como segunda língua. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, Brasília, ano 20, n. 2, p. AG8, 2021.
- POPLACK, S. *Lenguas en contacto*. In Lopes M. H. (org.). *Introducción a la Linguística Actual*. Madrid: Editorial Playor, 1984, p. 183-207.
- SEGURA, L. Geografia da língua Portuguesa. In Raposo et al. (org.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Kaloust Gulbenkian, 2013, p. 71-75.
- WARDHAUGH, R. *An Introduction to Sociolinguistics*. USA: Blackwell Publishing Ltd, 2006.
- GONÇALVES, P. Contacto de línguas em Moçambique: algumas reflexões sobre o papel das línguas bantu na formação de um novo léxico do português. In Lobo, t., Carneiro, Soledade, Almeida, e Ribeiro, (Org.) *Linguística Histórica, História das Línguas e Outras Histórias [online]*. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 401-406.
- NHATUVE, D. Para a normatização do português de Moçambique: aspectos fonético fonológicos da vibrante <r> e da lateral <lh> no português oral de Maputo. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32, 2019, p. 130-144.
- CHIMBUTANE, F. Língua, educação e sociedade em Moçambique: assimilação, uniformização e aceno à unidade na diversidade. *Modern Languages Open*, Liverpool: Liverpool University Press, v.1, n.15, 2022, p. 1–14.
- PATEL, S.; MAJUISSE, A; TEMBE, F. *Manual de Línguas Moçambicanas: Formação de Professores do Ensino Primário Educação de Adultos*. Maputo: Associação Progresso, 2020.
- NHAMPOCA, E. A. C. (2015). Ensino bilingue em Moçambique: introdução e percursos. *Work. Pap. Linguíst.* Florianópolis, v. 16, n. 2, 2015, p. 75-97.
- FISHMAN, J. A. Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism. *Journal of Social Issues*, Malden, v.23, n. 2, 1967, p. 29-38.
- FERGUSON, C. A. Diglossia. *WORD-Language and Social Structures*, v. 15, p. 1959, 232-251.
- LINDONDE, L. M. A questão de escolha linguística em ambientes domésticos num contexto multilingue de moçambique. *Alfa*, São Paulo, v.65, 2021, e12448.
- CORREIA, M. A glotofagia não é inevitável. In *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, 2020. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscteul.pt/artigos/rubricas/idioma/a-glotofagia-nao-e-inevitavel/4253>. Acesso em: 09 junh 2023.

Recebido em: 01/05/2023

Aceito em: 17/06/2023

**Para citar este texto (ABNT):** NHATUVE, Diocleciano. Code-switching e code-mixing no uso das línguas *bantu* em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº2, p. 358-379, jul./dez. 2023.

**Para citar este texto (APA):** Nhatuve, Diocleciano. (jul./dez.2023). Code-switching e code-mixing no uso das línguas *bantu* em Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (2): 358-379.

